

“DO CHÃO DA ESCOLA”: OS ACERVOS E AS VOZES ESQUECIDAS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP) (1957 – 1969)

Natália Frizzo de Almeida

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

natalia.almeida@usp.br

Introdução

A Escola de Aplicação da Universidade de São Paulo¹ completa no ano de 2019 sessenta anos e a Faculdade de Educação completa cinquenta anos. A universidade tem realizado diversos eventos comemorativos para repensar a história da instituição². No ano de 2019, também completa exatos cinquenta anos que o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP encerrou suas atividades. Parece confuso, pois alguns pesquisadores (BIOTO-CAVALCANTI, 2011) acreditam que a Escola de Aplicação (EA-USP) tem a mesma origem no Colégio de Aplicação (CA-FFCL), no entanto são experiências educacionais distintas.

A escola aniversariante foi fundada em 1959, nomeada como Escola de Demonstração “Professor Queiroz Filho” oferecendo ensino primário e funcionava como campo de pesquisas do Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE). Apenas em 1972 foi incorporada à USP, como Escola de Aplicação (EA) da recém fundada Faculdade de Educação da USP (GORDO, 2000). Cabe destacar, que o Centro Regional de Pesquisas Educacionais funcionou no prédio onde atualmente funciona a Faculdade de Educação.

Por sua vez, o Colégio de Aplicação funcionou entre os anos 1957 e 1969, no centro de São Paulo, nas proximidades da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da

¹ Para ver mais sobre a Escola de Aplicação <http://www2.ea.fe.usp.br/escola-de-aplicacao> (Acesso 31/07/2019)

² Alguns dos eventos comemorativos estão disponíveis no link: <http://www4.fe.usp.br/em-2019-a-escola-de-aplicacao-completa-60-anos-e-a-feusp-50-anos> (Acesso 31/07/2019)

USP, quando ainda funcionava na lendária rua Maria Antonia (SANTOS, 1988), entre os anos de 1951 até 1968. Nesse período, a faculdade agregava todos cursos de formação de professores secundários (ciências, filosofia, matemática, física, história, geografia, sociologia, letras, educação).

Apenas em 1957, a faculdade, em parceria com a Secretaria de Negócios da Educação de São Paulo, fundou o Colégio de Aplicação³ e oferecia os cursos de ginásial e colegial (científico e clássico). Apenas seis artigos abordam a história do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (CA-FFCL) da USP. O trabalho a seguir é o percurso que estou traçando na minha tese de doutorado em diálogo com os artigos existentes sobre o colégio, apresentando algumas questões e abordagem das fontes que pretendo trabalhar.

Histórico do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP

Em 1946, o decreto 9.053 obrigava todas as faculdades de filosofia a terem um ginásio de aplicação para campo de formação dos estudantes da licenciatura e deveria ser gerido pelo catedrático de didática de cada instituição existente no país (BRASIL, 1946). Na USP, houve uma demora significativa de mais de 10 anos para implementar o decreto-lei. Como comparação, por exemplo, a Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)) fundou seu colégio em 1948, ou seja, dois anos após o decreto-lei (ABREU, 1992).

A demora para a fundação do ginásio na USP foi explorada pela pesquisa de Santos (2015). Ao analisar a história da formação da Faculdade de Educação da USP, o autor explica o catedrático de didática do Departamento de Educação não tinha muito

³ O CA-FFCL funcionou na Rua Gabriel do Santos, nº 30, próximo à FFCL-USP, situada na Maria Antonia. A Secretaria de Negócios da Educação cedeu a seção autônoma do Colégio Estadual "Presidente Roosevelt" e passou a ser denominado Colégio de Aplicação. Foi implantado em condições precárias, em uma região ruidosa, sem espaço para a prática de educação física. As classes paulatinamente passaram a contar com trinta alunos, como previa o decreto.

prestígio perante a academia. Dessa forma, alguns docentes duvidavam se o catedrático teria credenciais para gerir o colégio (BONTEMPI, 2006) (BONTEMPI, 2008). Além disso, havia divergências de como deveria ser a formação dos futuros professores, pois questionava-se se deveria haver uma formação didática para lecionar ou se simplesmente seria importante ser um bom bacharel. Em outras palavras: para ser um bom professor seria necessário dominar bem o conteúdo da disciplina? Ou seria mesmo necessário uma formação didática? ⁴

Permeado por essas polêmicas, em 1957, a Secretaria de Negócios da Educação cedeu a seção autônoma do Colégio Estadual "Presidente Roosevelt" e passou a ser denominado Colégio de Aplicação. O antigo Colégio Roosevelt foi paulatinamente readaptado para a formulação das práticas da FFCL. Funcionava nos três turnos e duas turmas para cada série. O Colégio de Aplicação passou a ser campo de experimentação educacional para o Departamento de Educação e para os instrutores de didática. Paulatinamente, o colégio foi reconhecido por diversas experimentações educacionais do ensino secundário e importante espaço que abrigava os estágios dos licenciandos.

Em outubro de 1967, os estudantes secundaristas ocuparam o colégio em protesto contra a demissão do diretor e esse fato causou diversos desentendimentos no colégio e na faculdade. Após alguns dias de ocupação, os estudantes foram expulsos pelos militares. No final do ano de 1967, foi aberta uma comissão de sindicância para apurar os culpados da ocupação e o colégio teve suas atividades encerradas no início do ano de 1969.

O colégio contou com diversos docentes ilustres da universidade, ainda em início de carreira, cito alguns exemplos: Emilia Viotti da Costa (professora de história), Maria de Lourdes Mônaco Janotti (professora de história e coordenadora do curso clássico), Adélia Bezerra de Meneses (professora de português), Maria Alice Vergueiro (professora de teatro), Scipione Di Pierro Netto (professor de matemática), Maria José Garcia Werebe (orientadora educacional), Amélia Americano Franco Domingues de Castro (orientadora pedagógica). Alguns alunos frequentaram a escola tornaram-se nomes conhecidos, tais como Cacá Rosset (dramaturgo), Bob Wolfenson (fotógrafo), Zélia Cardoso (economista

⁴ A polêmica sobre a formação de professores, tem origens nas disputas entre os bacharéis da Faculdade de Filosofia contra os professores da “escola da praça” tem origem na incorporação do Instituto de Educação à Universidade de São Paulo. Resumidamente Para ver mais: (BONTEMPI, 2011).

e ministra), Maria Cecília Cortez (professora aposentada da Faculdade de Educação), entre outros.

Apesar da notoriedade dos seus ex-alunos e ex-professores, assim como o histórico de suas práticas, alguns trabalhos confundem a história do colégio com a atual escola de aplicação. Inclusive, tal esquecimento é problema de pesquisa de alguns historiadores como Janotti e Cortês (1997) quando se questionam porque o colégio de Aplicação teria sido esquecido pela USP e pela Faculdade de Educação? (JANOTTI, 2000)

Contudo, esse contexto é fundamental para compreender as diversas propostas de formação de professores e quais correntes se consolidaram na USP, após a reforma universitária de 1969 (CELESTE FILHO, 2006) (MOTTA, 2014). Além disso, é um período primordial para discutir a trajetória do ensino secundário no Brasil. Havia diversas polêmicas, pois os pesquisadores estavam divididos entre os debates sobre a “primarização” do ensino secundário, ou seja, o ensino secundário deveria dar continuidade ao ensino primário, ou deveria manter-se como propedêutico para o ensino superior (BONTEMPI, 2006). Além disso, estava em debate se o secundário deveria ser expandido ou permanecer restrito a poucos estudantes? (BRAGHINI, 2005) (BONTEMPI & BRAGHINI, 2012) A expansão deveria ser quantitativa e/ou qualitativa? (NUNES, 2000) (SPOSITO, 2002)

A BIBLIOGRAFIA SOBRE O TEMA

Os artigos produzidos narram a história do colégio do ponto de vista dos embates dos docentes da universidade. Warde (1989) e Werebe (1989) no livro sobre as inovações educacionais, organizado por Walter Garcia⁵, centram-se em analisar os “alcances e limites” da “inovação educacional” empreendida na instituição, contudo tais práticas são citadas de forma sumária ou relegadas a segundo plano.

⁵ Cabe lembrar, que além de ser um educador reconhecido na área, Walter Garcia foi orientador educacional e vice-diretor do Colégio de Aplicação (1965- 1967).

Miriam Jorge Warde (1989), com base nos documentos da Comissão de Sindicância (1967-1969), empreende um mapeamento das divergências entre os docentes da universidade sobre os rumos pelos quais o colégio deveria seguir a suas práticas educacionais. Uma das questões levantadas pela autora é que o público do colégio de aplicação era bastante elitizado e, por conseguinte, não teria conseguido propor uma educação transformadora naquele contexto.

A pesquisa de Janotti tem como fonte primordial a história oral, o passado do cotidiano escolar do colégio é muitas vezes apreendido de forma homogênea, no qual rememora-se nostalgicamente a convivência entre os alunos e professores. Por sua vez, a “inovação educacional” aparece como parte de um percurso seguido naturalmente pelo colégio, apenas sofrendo embates externos ao convívio escolar. Contudo, não aparecem as disputas por projetos da renovação pedagógica, não há diferenciação entre as gestões e, tampouco, os sujeitos que atuavam diretamente na escola. Resumidamente, Janotti divide os professores entre conservadores e progressistas, no qual teria vencido o grupo conservador. Este grupo de professores teriam sido coniventes com os militares colaborando para encerramento do colégio.

A questão polêmica é que o fim do colégio é concomitante ao ano da Reforma universitária, pós AI-5. Cabe lembrar que no ano anterior, em 1968, ocorreu a invasão da Maria Antônia e os combates com o comando de caça aos comunistas (CCC) infiltrados na universidade opositora (Mackenzie) e houve a prisão de diversos universitários e a morte de um secundarista que chocou a opinião pública (SANTOS, 1988).

Além da reforma universitária, o ano de 1969 é marcado pelos Inquéritos Políticos Militares (IPM's) e a perseguição dos setores progressistas da universidade. Nesse ano, vários professores foram aposentados compulsoriamente pelos militares. Para lembrar alguns casos famosos, como: Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, Emilia Viotti da Costa. Então, o fim do colégio estaria associado então à repressão militar aos setores progressistas da universidade?

A bibliografia procura traçar diversos paralelos com esses fatos e o fim do colégio, sobretudo, por conta da greve que foi organizada pelos estudantes secundaristas em 1967. Portanto, seria mais uma escola “subversiva” que teria sido fechada pelos militares, assim como experiências coetâneas, como os Ginásios Vocacionais (CHIOZZINI, 2014).

Outra explicação plausível para o encerramento das atividades do CA-FFCL, seria a lógica: deveria haver um outro colégio, agora anexo a recém fundada Faculdade de Educação da USP, que após os eventos de 1968, passou a ser sediada na cidade Universitária. Seguindo esse raciocínio, a nova Escola de Aplicação deveria ser de ensino primário, anexo ao curso de pedagogia, já que todas as licenciaturas haviam sido desmembradas em diversas unidades⁶. Dessa forma, a articulação desses fatos é a hipótese central dos artigos que falam sobre esse colégio e amplamente discutida pela bibliografia, fundamentada com fontes de notícias de jornal (JANOTTI, 2008) e, sobretudo, a Comissão de Sindicância instaurada em 1967. Os dois últimos anos, nomeados pela bibliografia como um período de “crise” do colégio.

Contudo, no desenvolvimento da pesquisa, eu fui percebendo que a repressão do Regime Militar, ou a mudança da faculdade eram fatores importantes, mas questiono se foram apenas estes os motivos determinantes do fim do colégio. Sobretudo, após a divulgação da documentação da Comissão da Verdade da USP, em 2018 e a análise da documentação disponível no Arquivo Geral de São Paulo, no fundo DEOPS.

A bibliografia nos induz a acreditar que a história do colégio pode ser explicada por razões exteriores ao colégio. Contudo, a partir da documentação analisada, sobretudo a comissão de sindicância, levantamos como hipótese, que inclusive o fim do colégio tem origem nas divergências gestadas no cotidiano escolar, portanto, “no chão da escola”.

Na bibliografia pouco sabemos sobre como funcionava o colégio de aplicação, quem eram os professores, quais as propostas de estágio, como os estagiários da faculdade atuavam, quem eram os alunos, coordenadores, professores e também não conseguimos compreender quais eram as práticas de experimentação pedagógica gestadas no colégio e o diálogo com outras escolas experimentais.

A principal fonte dessas pesquisas é a comissão de Sindicância do colégio de Aplicação. Esse conjunto documental é composto por 800 páginas e atualmente está disponível hoje no Arquivo Geral da USP. O conjunto é composto por 14 depoimentos, pareceres da comissão e documentos levados pelos depoentes. Warde (1989) e Janotti (2001) centram-se nos depoimentos de duas professoras da FFCL-USP: Maria José

⁶ O desmembramento da Faculdade gerou bastante polêmica entre os professores da antiga Faculdade de Filosofia e é registrado em diversos textos e depoimentos divulgados no livro Maria Antonia: uma rua na contramão. (SANTOS, 1988)

Garcia Werebe e Amélia Domingues de Castro. As docentes protagonizam disputas de área de influência no colégio, contudo relegam a segundo plano os professores da escola, coordenadoras, diretor.

A proposta da minha tese segue em analisar o que foi deixado de lado pela bibliografia, ou seja, os demais depoimentos: de pais, coordenadores, professores. Na leitura, percebemos que havia disputas dentro do próprio colégio, com problemas diversos relativos ao cotidiano escolar. As disputas passam desde de problemas relativos as verbas disponibilizadas pela faculdade e pela secretaria de educação, entre a comissão de pais, entre os professores e coordenadores, discordâncias de práticas educacionais renovadas, em relação à disciplina entre os alunos, obviamente transpassadas por disputas entre os docentes da universidade e o conturbado contexto político que o país vivia naquele período.

No acervo do Centro de Memória da Educação da USP encontramos o arquivo pessoal de Julieta Ribeiro, última diretora do colégio e coordenadora das classes experimentais (1962 – 1969). Os documentos elencados por Julieta são diversos, pois englobam uma miríade de registros manuscritos relativos ao cotidiano da atividade de coordenação do colégio, tais como: textos utilizados para reunião com professores, documentos de organização escolar, material didático produzido a partir dos estudos de meio, discurso de paraninfa, exames de admissão de alunos e professores, uniformes utilizados pelos alunos, fotografias do cotidiano escolar. Essas fontes apresentam o ponto de vista de uma pessoa que participou ativamente do cotidiano escolar e que apresenta um ponto de vista sobre a história do colégio distinto do que foi apresentado pela bibliografia.

Dessa forma, o objetivo da tese é inverter a escala de análise (REVEL, 1998) da história do CA-FFCL, partindo dos indícios (GINZBURG, 2007) do cotidiano escolar para compreender as propostas pedagógicas empreendidas no colégio e os embates para sua consolidação, que são intrínsecos à convivência diária de educadores. Metodologicamente, este trabalho se insere entre os estudos sobre a história das instituições (MAGALHÃES, 1999) , a qual aponta para a necessidade de inventariar e problematizar os diversos dispositivos da cultura escolar (AZANHA, 1991) , as conexões entre o desenvolvimento da lógica interna da instituição escolar, sem perder de vista as

relações concretas com a sociedade em que está inserida (MAGALHÃES, 1999). A análise do cotidiano escolar poderá trazer mais elementos e maior complexidade para explicar, por exemplo, as razões para o fim dessa experiência, que análises restritas a fatores externos tributam apenas à truculência do regime militar e à convivência dos setores conservadores da universidade.

Reconstruir o mosaico de memórias fora dos rígidos enquadramentos de análises contextuais, podemos supor que além das grandes questões políticas, havia projetos de formação de professores em debate, por sua vez atravessados pelos embates de consolidação do campo acadêmico e profissional da universidade, inclusive por profissionais atuantes no cotidiano escolar. Afinal, quem financiava o CA? Quem eram os diretores? Como eram contratados? Como funcionava as classes experimentais? Quais as práticas inovadoras do colégio? Como eram as aulas de teatro e de orientação sexual? Quais as propostas para os estudos de meio?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese de doutorado em andamento tem como objetivo problematizar a produção do conhecimento da memória sobre uma instituição escolar. Muitas vezes, estudos sobre a história das instituições educativas correm o risco de resvalar no saudosismo e na descrição laudatória e/ou apologética (BUFFA, NOSELLA, 2005). Aparecem, também, marcados pelas memórias de ex-participantes da experiência ou adotam e incorporam como problema de pesquisa as premissas e hipóteses contidas nessas reminiscências. Entretanto, pouco se questionam as narrativas produzidas e relegam-se ao segundo plano os documentos produzidos pela instituição e a ação dos sujeitos que atuavam diretamente no cotidiano escolar. A tese busca, a partir de um caso, apontar para possíveis frestas de

análise histórica, com base em documentos que normalmente seriam desconsiderados, para esclarecer pontos obscuros e polêmicos da história da instituição.

O trabalho pode contribuir para conferir historicidade ao conceito de “inovação educacional” contido nessa experiência e, portanto, contribuir para enfatizar as especificidades do movimento educacional da década de 1960, autodeclarado de “renovação” pedagógica (CHIOZZINI, 2014) (ALMEIDA, 2015). Temos como intuito, além disso, compor mais um capítulo da história de formação de professores no Brasil, apresentando os debates, objetivos e a importância relegada às práticas de estágio dos professores secundários e a constituição do campo de didática de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A.A. **Intelectuais e guerreiros: o Colégio de Aplicação da UFRJ de 1948 a 1968**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1992.

ALMEIDA, N.F. **Memória, História e Renovação Pedagógica: O Ginásio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem**. Dissertação (Mestrado em Educação): São Paulo: FEUSP, 2015.

ALMEIDA, Doris Bittencourt; LIMA, Valeska Alessandra de . Um Lugar Memorável: a Faculdade da Educação/UFRGS, entre afetos e trabalho (1970-2016). **Educação e Realidade**, v. 41, p. 1347-1370, 2016.

AZANHA, J. M. P. “Cultura escolar brasileira: um programa de pesquisas”. **Revista da USP**, São Paulo, n. 8, p. 65-69, dez./fev.1991.

BIOTO-CAVALCANTI, Patricia Aparecida. Escolas de aplicação: proposta de formação a ser conhecida- levantamento bibliográfico e atualização de dados. In: **XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - Associação Nacional de História**. São Paulo: ANPUH-SP. v. 1. p. 1-16, 2011.

BONTEMPI JÚNIOR, B. **A cadeira de História e Filosofia da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa**. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

_____. Em defesa de "legítimos interesses": o ensino secundário no discurso educacional de O Estado de S. Paulo (1946-1957). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, p. 121-158, 2006.

_____. As sessões solenes da Faculdade de Filosofia: rituais da comunidade intelectual uspiana. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXXIV, n. 2, p. 168-187, dezembro 2008.

_____. Do Instituto de Educação à Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. **Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas**, v. 41, p. 188-207, 2011.

BONTEMPI JÚNIOR, B. **Laerte Ramos de Carvalho e a constituição da História e Filosofia da Educação como disciplina acadêmica**. 1. ed. Uberlândia: Edufu, 2015. v. 1. 301p.

BONTEMPI JÚNIOR, B.; Braghini, K.M.Z. As Reformas Necessárias ao Ensino Secundário Brasileiro nos anos 1950, segundo a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. **Educação em Revista** (UFMG. Impresso), v. 28, p. 241-261-261, 2012.

BRAGHINI, K.M.Z. **O ensino secundário nos anos 1950 e a questão da qualidade de ensino**. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política e Sociedade). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005

BRANDÃO, Z. **A intelligentsia Educacional: um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil**. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH; Editora da Universidade São Francisco, 1999.

BRASIL. Lei 9053, de 12 de março de 1946. Consolida a legislação sobre criação de ginásio de aplicação nas Faculdades de Filosofia do País. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9053-12-marco-1946-417016-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 04.fev.2015.

BUFFA, E.; NOSELLA, P. As Pesquisas sobre Instituições Escolares: Balanço Crítico. **Vídeo Conferência promovida pelo HISTEDBR-20anos**, Campinas: UNICAMP, 2005.

CAMPOS, José Francisco Gelfi. **Preservando a memória da ciência brasileira: os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, USP, 2014.

CAPELATO, M.H. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988

CATRO, Amélia Domingues de. A memória do ensino de Didática e Prática de Ensino no Brasil. **Revista Faculdade de Educação**, 18 (2) 233-240, jul/dez, 1992

CATANI, D.B. **Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo**. Bragança Paulista, EDUSF, 2003.

CELESTE FILHO, M. **A Reforma Universitária e a Universidade de São Paulo. Década de 1960.** Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

CHIOZZINI, D. F. **História e memória da inovação educacional no Brasil: o caso dos ginásios Vocacionais (1961-1969).** Tese (Doutorado em Educação) – Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2010.

COMISSÃO da Verdade da Universidade de São Paulo, disponível em: <http://sites.usp.br/comissaodaverdade/relatorio-final/>. Acesso: 22/01/2019

GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: _____. **O fio e os rastros.** São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 249-279.

JANOTTI, M.L.M & SOUZA, M.C.C.C. “**O Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo: Anos 50 e 60**”, In: Os Desafios Contemporâneos da História Oral. SIMSON, Olga (org). Campinas: Área de Publicações CMU/ Unicamp, 1997. p. 267 – 290.

JANOTTI, M. L. M. . **Imprensa e ensino na Ditadura.** In: FERREIRA, A.C.; BEZERRA, H.G.; LUCA, T.R. (Org.). O historiador e seu tempo. 1 ed. São Paulo: Unesp, 2008, v. 1, p. 95-116.]

_____. **Concepção de Cidadania entre professores e alunos do Colégio de Aplicação da USP (anos 1960),** 1997

_____. **Problemas metodológicos: depoimentos e repressão.** Caderno CERU, Humanitas/FFLCH - São Paulo, n.12, p. 31-51, 2001.

_____. **História, acontecimento e narrativa: confrontações teóricas.** CLIO. Série História do Nordeste (UFPE), v. 24, p. 83-103, 2006.

_____. Por que foi esquecido o Colégio de Aplicação da USP? (Mesa Redonda: Movimento estudantil nos anos 60: repressão e memória). In: **XV Encontro Regional de História - ANPUH-SP, 2000, São Paulo. História no Ano 2000: Perspectivas. XV: Encontro Regional Nacional de História.** São Paulo, 2000

MAGALHÃES, J. **Tecendo nexos: história das instituições educativas.** Bragança Paulista (SP): Editora Universitária São Francisco, 1999.

_____. “A construção de um objecto do conhecimento histórico. Do arquivo ao texto – a investigação em história das instituições educativas”. **Educação Unisinos** 11(2): 69-74, maio/agosto 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá, **As Universidades e o Regime Militar. Cultura Política brasileira e modernização autoritária.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2014.

NUNES, Clarice. O “bom” e “velho” ensino secundário: Momentos decisivos, **Revista Brasileira de Educação.** n.14, mai-ago., 2000.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SANTOS, A.N. **As Origens da Faculdade de Educação da USP: O Departamento de Educação da F.F.C.L. (1962-1969)**. São Paulo: Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2015.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. (org) **Maria Antonia: Uma rua na contramão**. São Paulo: Ed. Nobel, 1988.

SPOSITO, M. P. **O povo vai à escola**. 4. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2002. v. 1.

WARDE, M.J. O Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo. In: GARCIA, W. **Inovação Educacional no Brasil: Problemas e Perspectivas**. São Paulo: Editora Cortez, p. 101 – 131, 1989.

WEBERE, Maria José Garcia. Alcances e limitações da inovação educacional. In: GARCIA, W. **Inovação Educacional no Brasil: Problemas e Perspectivas**. São Paulo: Editora Cortez, p. 101 – 131, 1989.